

## EUROPA E ÁFRICA: O “ENTRETANTO DA LÍNGUA NACIONAL” EM CASA GRANDE & SENZALA

Wilton James BERNARDO-SANTOS<sup>1</sup>

RÉSUMÉ: La thèse Institutionnalisation de la Linguistique Moderne au Brésil : une étude sur la politique-énonciatives dans la construction de la langue nationale c'est un ensemble de huit chapitres où j'étudie des travaux de spécialistes philologues et non-spécialistes: interprètes du Brésil. Pour tenter d'esquisser l'environnement global du travail, j'apporte dans cet article, seulement une analyse locale de Casa Grande & Senzala de Gilberto Freyre, en focalisant un changement dans l'« action décrite » présidée par un «cependant» où il pèse énonciativement des sens propres de l'écriture, effet de la raison graphique propre de l'histoire de la linguistique au Brésil.

### Introdução

Institucionalização da Lingüística Moderna no Brasil: um estudo sobre o político-enunciativo na construção da língua nacional, título da tese, é um conjunto de oito capítulos, dos quais cinco são efetivamente analíticos. Três deles estudam trabalhos de filólogos-lingüistas e os dois outros são dedicados a não-especialistas: historiadores, sociólogos, antropólogos, intérpretes do Brasil. O capítulo 5 é sobre Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda (1936) e o capítulo 6 é dedicado à Casa Grande & Senzala de Gilberto Freyre (1933) <sup>2</sup> onde “a questão da língua” aparece inicialmente no cap. II *O indígena na formação da família brasileira*. Mas aqui, para tentar esboçar o ambiente global do trabalho, trago apenas uma análise local sobre a “questão” que retorna no cap. IV *O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro*.

O capítulo de 131 páginas compreende um “texto principal” que vai da página 366 a 462 e um conjunto de notas. No território paginar do “texto principal”, a análise nos levou à compreensão de dois trechos mais gerais: um anterior à entrada da “questão” (pp. 366-405) e outro posterior (pp. 419-462). Nesse caso, a análise considerou que o território de interesse específico da pesquisa vai da página 405 a 419: onde a “questão da língua” aparece no capítulo. Mas essa região foi também compreendida em diferentes trechos. Dois preambulares: a) (pp. 405-410), b) (pp. 410-414) e três trechos específicos: c) (pp. 414-415, 5 parágrafos); d) (pp. 415-417, 4 parágrafos); e) (pp. 417-419, 2 parágrafos).

Como é possível observar, é fundamental para a pesquisa trabalhar com diagramação (ver diagrama especificativo da “linearidade enunciativa” em anexo). Mas

---

<sup>1</sup>Doutorando do Programa de Pós-graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e UFS. Bolsista CAPES. E-mail: [wjames@uol.com.br](mailto:wjames@uol.com.br)

<sup>2</sup> A edição de trabalho da pesquisa é 49ª da editora Global, 2004.

o trânsito do processo analítico por essa dimensão procura vedar a entrada de qualquer forma de diagramação dominada por teorias da sintaxe tomadas pela compreensão da linguagem nos “limites do logicamente possível”.<sup>3</sup> O esforço é para compreender deslizamentos enunciativos dos sentidos tendo em vista as relações com a escrita, sua razão gráfica (Auroux, 1998).<sup>4</sup>

De toda essa materialidade examinada no processo de pesquisa, esse artigo se restringe a trazer a apreciação de uma mudança da “ação descrita”, ou melhor, de um acontecimento enunciativo (Guimarães, 2002)<sup>5</sup> na demarcação de zonas fronteiriças dos sentidos nos trechos preambulares. Com esse acontecimento, está aberto na enunciação o caminho para a entrada de sentidos de uma “busca da origem” (européia) e de uma “influência” (africana): marcas decisivas no processo de gramatização (Auroux, 1992) no Brasil. Isto é, a instrumentação pela língua escrita como demarcação de fronteiras dos sentidos na constituição do sujeito, a formação do brasileiro.

### A língua como território central na constituição do sujeito

Já a partir do título, *O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro*, a enunciação constrói sentidos de uma totalidade (o brasileiro) que se distingue de outras justamente por aquilo que ela não é, mas “traz” em si; o negro em questão é contraparte na constituição dessa totalidade. O capítulo é aberto nessa direção:

(1) “Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo – há muita gente de jenipapo ou **mancha** mongólica pelo Brasil - a **sombra** ou pelo menos a **pinta**, do indígena ou do negro (...) a influência direta, ou vaga e remota, do africano” (p. 367).

A cena oferece, em tempo presente, a trajetória de uma “totalidade influenciada” pelo negro como uma “sombra”.<sup>6</sup> Nas páginas seguintes, o lugar do negro africano é construído num longo percurso em que pesam distinções psicológicas e culturais. À página 396, os sentidos deslizam para os “característicos físicos dos negros” e daí passam (a partir da p. 398) à questão da sexualidade; e, nela, a moral, as formas de luxúria e de amor.

---

<sup>3</sup> São basicamente os modelos das chamadas “sintaxe estrutural” e/ou “transformacional”. Ver, p.ex., Borba (1979).

<sup>4</sup> “A razão gráfica distingue-se através de possibilidades que são interditas à linguagem simplesmente oral. O traço mais marcante da razão gráfica é a bidimensionalidade, a utilização do espaço plano. A escrita não é o único *suporte transposto* da fala humana, mas é o único que é de natureza espacial” (p.74).

<sup>5</sup> A noção é tratada no tocante à temporalidade. O passado é “um memorável recortado” e “o sujeito é afetado pelo interdiscurso memória de sentidos estruturada pelo esquecimento, que faz a língua funcionar” (p. 14).

<sup>6</sup> Cena enunciativa (Guimarães, 1987; 2002) “se caracteriza por constituir modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas lingüísticas (...) é um espaço particularizado por uma deontologia específica de distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento” (p. 23).

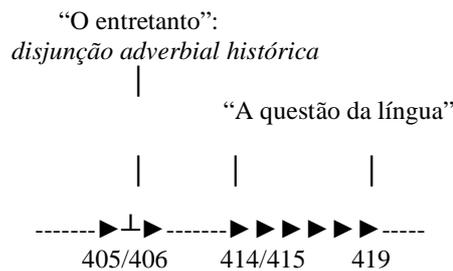
Dessa direção (a partir da p. 405), os sentidos deslizam para a “feitiçaria” e a “magia sexual” e, justamente nesse ponto, um fato de linguagem torna visível uma dimensão histórica no sentido da gramatização das línguas. A materialidade da linguagem é seccionada. Do outro lado da fronteira circulam os sentidos da escrita e a enunciação tem, digamos, seu “marco zero” em um entretanto.

**“Entretanto”: bordas da “questão da língua” para a “formação do brasileiro”**

Operando com uma leitura investida pelo ponto de vista histórico, o exame do enunciado abaixo torna possível compreendê-lo como acontecimento em uma ruptura enunciativa e com ela uma mudança na constituição dos sentidos. Vejamos o fato de linguagem na relação direta com o lugar da “questão da língua” que já se avizinha na dimensão linear da enunciação (ver fig. 1).

(2) “A freqüência da feitiçaria e da magia sexual entre nós é outro traço que passa por ser de origem exclusivamente africana. **Entretanto**, o primeiro volume de documentos relativos às atividades do Santo Ofício no Brasil registra vários casos de bruxas portuguesas” (p. 405-406).

(fig. 1)



O “entretanto” é abertura para a entrada do sentido dos documentos do Santo Ofício: a escrita no Brasil. Para além de uma concepção benvenistiana (1974 [1966]), centrada na atividade do locutor, observamos no “entretanto” uma dimensão enunciativa que extrapola os domínios da relação adverbial local, da união de sentidos contrastantes tão em acordo com os modelos locucionais de argumentação. Compreendamos o “entretanto” como marca de mudança da “ação descrita”, como marca dos processos de gramatização das línguas no Brasil, como marca de uma *disjunção adverbial histórica*, um acontecimento histórico enunciativo.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Ao descrever a materialidade dessa forma, está aberto espaço para a classificação gramatical que em Bechara (2001), por exemplo, o *entretanto* aparece entre as “unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas (...) marcam relações textuais” (p.322). Texto que nessa gramaticografia aparece como “produto do discurso” que não extrapola a dimensão comunicacional. Nesse caso, é preferível romper com essa tradição e compreender esses

Ou seja, não temos aí apenas o sentido de uma dimensão adverbial que remete para um intervalo de tempo fora do texto, que remete para o tempo histórico da colonização, um “ponto” argumentativo do tipo conversacional, que constitui uma ordenação: “o primeiro volume de documentos”. A análise nos leva a compreender essa disjunção como lugar visível da existência da sintaxe na relação do sujeito lastreado pelo significante. É então o caso de acompanhar Henry (1992) naquilo que ele chama de “primado do simbólico”, que exerce seus efeitos estruturantes sobre o sujeito por “desejo inconsciente”.

Nosso trabalho toma esse primado como do histórico enunciativo: o desdobramento que articula a forma-sujeito individual à universal. A barra que separa o significante do significado é a “marca da inadequação do imaginário ao objeto no homem”: é “uma distinção, uma discordância” (p.176). E no nível das frases, são efeitos simbólicos nas relações significativas entre elas: “um desdobrar da frase” descrita como uma **deslinearização**, quer dizer, “no deslocamento da frase a identidade do sujeito da enunciação presente sob o sujeito do enunciado não é mais assegurada” (p. 180). E é nessa dimensão deslinear que compreendemos o “nosso” entretanto pela existência da sintaxe que sustenta então a identidade do sujeito.

Tomamos essa existência para compreender que, na própria materialidade da linguagem, há uma instrumentação específica da gramatização demarcando fronteiras para certos sentidos e abrindo passagem para outros. Abertura como própria da heterogeneidade da linguagem, aqui vista especificamente como parte do jogo político para a constituição da língua nacional. Com isso, a partir do “entretanto”, mudam os pesos dos “papéis” históricos. De tal forma, o jogo político entra então em um lugar específico posto que já se avizinha, como vemos na fig. 1, a “questão da língua nacional”. O “entretanto” está na p. 405 e a “questão” só aparece efetivamente na 414. E justamente porque “ainda não é o lugar da questão”, o acontecimento tem seu desdobramento histórico, posto que pré-construído, numa contradição impensável, já fica definido o território da língua nacional: a escrita. Nisso, a nosso ver, temos a dimensão política no “sentido forte”. Ou seja, o debate sobre o peso de diferentes sentidos na formação do brasileiro tem na linguagem um lugar central, mas diretamente abalado pela deslinearização produzida pelo “entretanto”.

### **Origem européia e influência africana**

Justamente como parte desse acontecimento, dessa mudança da ação descrita, entram sentidos da origem (européia). Observemos essa movimentação de sentidos operada num processo enunciativo de domínio europeu: uma “ordem enunciativa”. As línguas africanas aparecem à margem desse processo, do outro lado do “entretanto”, mas como parte constitutiva indispensável: origem européia→influência africana.

(3) “A frequência da feitiçaria e da magia sexual entre nós é outro traço que passa por ser de **origem** exclusivamente africana” (p. 405).

---

“operadores da argumentação” como parte da “ilusão de intencionalidade que se representa no funcionamento de regularidades gramaticais” (Guimarães, 1987:195 e Vogt, 1976).

- (4) “Suas práticas podem ter recebido **influência** africana: em **essência**, porém, foram expressões do satanismo europeu que ainda hoje se encontra entre nós, **misturado** à feitiçaria africana ou indígena” (p. 406).
- (5) “A feitiçaria de direta **origem** africana aqui desenvolveu-se em **lastro** europeu” (p. 407).

### Conclusão

O capítulo 6 da tese traz mais três seções dedicadas aos trechos do ensaio freyreano em que a língua é tratada de forma específica. Na primeira, procuramos compreender efeitos dos deslizamentos de sentidos de uma abordagem histórico-cultural para uma dimensão corpórea da língua em uma consistência natural. Na segunda, descrevemos a entrada do ensino e da gramática para mudar a consistência da língua e levar a relação de embate com as línguas africanas para o domínio europeu: uma “consistência” institucional. Na terceira, vemos como a relação com as línguas africanas vinga a formação da língua nacional na relação com a europeia. Mas, como vimos nesse artigo, há um “entretanto” que marca uma anterioridade no desdobramento do sujeito enunciativo. E esse parece ser o ambiente global da tese: quando o debate é sobre a língua nacional, a relação direta é com a escrita, com a razão gráfica, com a gramatização das línguas no Brasil.

---

### Referências Bibliográficas:

- AUROUX, S. (1992) *A Revolução tecnológica da Gramatização*. Trad. Eni Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- \_\_\_\_\_. (1998) *Filosofia da linguagem*. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- BECHARA, E. (2001). *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro, Lucerna.
- BENVENISTE, E. (1974 [1966]). *Problemas de Linguística Geral I e II*. Campinas, Pontes.
- BORBA, F. da S. (1979) *Teoria sintática*. São Paulo, Edusp.
- FREYRE, G. (2004 [1933]) *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 49ª ed. São Paulo, Global.
- GUIMARÃES, E. (1987) *Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português*. Campinas, SP, Pontes.
- \_\_\_\_\_. (2002) *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, SP, Pontes.
- HENRY, P. (1990) “Construções relativas e articulações discursivas”. In. Caderno de estudos lingüísticos (19): jul - dez.
- \_\_\_\_\_. (1992). *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso* [trad. Maria Fausta Pereira de Castro]. Campinas, SP, Editora da Unicamp.
- ORLANDI, E. (2001). *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP.
- VOGT, C. (1976) “Indicações para uma análise semântico-argumentativa das conjunções porque, pois, e já que”. In: *Linguagem pragmática e ideologia*. São Paulo: HUCITEC; Campinas, SP: Fundação de Desenvolvimento da Unicamp..

